



Charges como instrumento jornalístico no semanário O Pasquim¹

Francisco Rodrigo da Silva Batista²

Paulo Júnior Silva Pinheiro³

Fanor – Faculdade Nordeste – Devry Brasil, Fortaleza, CE

RESUMO

O semanário jornalístico O Pasquim ficou famoso por fazer frente à ditadura militar, usando o humor. Considerado um jornal alternativo, conseguiu grande sucesso com tiragens acima de 200 mil exemplares. O jornal do contra, teve grande êxito com as charges. Dessa forma, trazemos a discussão de como as charges, instrumentos de humor, migraram para o jornal impresso e passaram a ter um caráter jornalístico, dentro do contexto da ditadura militar e do cerceamento da liberdade de expressão. Para isso a pesquisa bibliográfica e eletrônica será utilizada como metodologia. As charges e O Pasquim serão os objetos de estudo. Definir o que é charge e como passou a ser utilizada como instrumento jornalístico e qual o papel do semanário O Pasquim nesse contexto de convergência que constatamos, durante a pesquisa, que existe de fato.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura; jornal alternativo; charges; convergência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o uso das charges, recursos de humor, como instrumentos jornalísticos no jornal alternativo O Pasquim, tendo por delimitação os aspectos da convergência de mídias no jornal impresso. Vale ressaltar que o semanário O Pasquim se originou no contexto da ditadura militar no Brasil, ocorrida entre os anos de 64 e 85 do século XX, nesse contexto os jornais alternativos sofreram forte repressão com o cerceamento das liberdades civis e do jornalismo. Em meio a essa atmosfera de constante tensão, os jornalistas do Pasquim encontraram no humor uma forma de combater a ditadura e se desvencilhar da censura imposta pelo governo.

A pesquisa será realizada através de estudo bibliográfico, consulta a teses, dissertações, e artigos relacionados à definição do que é charge, sua migração para os jornais impressos e o papel do semanário O Pasquim nesse contexto de convergência.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Bolsista CNPQ-UECE, estudante de Graduação 8º semestre do curso de Jornalismo da Fanor – Faculdade Nordeste – Devry Brasil, email: f.rodriigo@oi.com.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Fanor – Faculdade Nordeste – Devry Brasil, email: paulojr.pinheiro@gmail.com



Este tema, aliás, atualmente, é bastante estudado, sobretudo devido ao avanço tecnológico e a ascensão de uma grande parcela da sociedade à classe média, fatos evidenciados nos últimos anos no Brasil. No entanto, entendemos que existe uma lacuna no estudo das charges em nosso país no contexto da convergência. Posto isso, pretendemos fomentar o interesse acadêmico a debruçar-se sobre esse assunto e até mesmo ocupar essa lacuna.

Foram essenciais para a nossa pesquisa os trabalhos sobre charges, jornal alternativo e convergência. Destacando-se, respectivamente, os autores Fernandes (2009) e Domingos (2009), Simões (2010) e Jenkins (2008). Utilizaremos a temática da convergência das charges e caricaturas no jornal alternativo com o objetivo de mostrar como ocorreu essa migração do humor para o jornalismo. São questionamentos que pretendemos responder, qual o conceito de convergência? O que é charge? O que é jornal alternativo?

Ajudará a responder a essas questões a bibliografia consultada, para que possamos deixar claro todos os conceitos, sobretudo pela importância de entendermos como o humor foi implantado na imprensa nacional e nos questionarmos quais as implicações desse fenômeno atualmente.

A pesquisa é dividida em três partes, constituídos da seguinte forma: o primeiro apresenta o conceito de charge, os principais chargistas e suas atuações na imprensa. O segundo abordará a imprensa alternativa, como surgiu, como se manteve durante a ditadura, qual o seu papel num período no qual o governo criava obstáculos para a formação de uma consciência política contestadora. Já o terceiro capítulo traz a definição de convergência e sua aplicabilidade na transposição das charges para os jornais.

Finalmente, apresentamos as considerações finais, onde poderão ser identificadas as conclusões da pesquisa, o resultado da pesquisa bibliográfica e os possíveis caminhos para novos questionamentos, criteriosamente elaborados.

CHARGE: CONCEITO

As charges são elementos do humor, feitos para arrancar risadas ou mostrar fatos ou situações engraçadas. Cartum, charge, caricatura, tirinha e quadrinho são gêneros

discursivos. Estes podem ser entendidos a partir de Ramos (2009), como afirmou Simões (2010, p. 2 apud RAMOS, 2000, p. 21):

O que vê os quadrinhos como um grande rótulo que abriga diferentes gêneros; o que vincula os gêneros de cunho cômico – charge, caricatura e tiras (em alguns casos, chamados de quadrinhos) – num rótulo maior, denominado humor gráfico ou caricatura (usada neste segundo momento num sentido mais amplo); o que aproxima parte dos gêneros, em especial as charges e as tiras cômicas, da linguagem jornalística (linha teórica apoiada no fato de serem textos publicados em jornal).

Essa representação gráfica do humor foi justamente a saída para os jornalistas de O Pasquim para contestar a ditadura e o cerceamento da liberdade de forma indireta. Era uma forma de estabelecer um diálogo subjetivo com a população. Por isso, as tiragens cresceram extraordinariamente nesse período.

O riso sempre teve sua importância ao longo da história, de acordo com Bozi (2006, p 1) na Antiguidade o riso era utilizado como suporte psicológico para os desafios dos rituais religiosos e oficiais, durante a Idade Média, significava liberdade para o povo e na Modernidade se tornou símbolo de contestação do poder e protesto contra a privação da liberdade. Na contemporaneidade, o riso invadiu a imprensa através das charges e mais gêneros discursivos. Muitos jornalistas, sensíveis ao sentimento das ruas, pois a profissão de repórter exige a atuação em campo e uma rotina com a população que o cerca, captam essa mensagem e dão voz ao povo. Este, muitas vezes sem voz durante o período da ditadura e até atualmente, tem seu refúgio de liberdade de expressão nas charges disfarçadas de humor. O humor se torna agente político nos jornais e são utilizados rotineiramente para expressar a insatisfação do povo contra a ditadura.

Segundo Ramos (2009), caricatura e charge são definidas, conforme afirmou Simões (2010, p. 3 apud RAMOS, 2000, p. 21):

[...] em geral, a caricatura – deformação das características marcantes da pessoa, animal, coisa, fato – pode ser usada como ilustração de uma matéria (foto), mas quando este fato pode ser contado inteiramente numa forma gráfica, é chamado de charge, segundo Mendonça (2005, p. 197). A charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual.



Muitos políticos no semanário O Pasquim foram caricaturados como figuras diabólicas. Além disso, a partir da definição supracitada, quando essa caricatura vem dentro do jornal acompanhada de texto formando uma unidade, passa a se tornar charge.

IMPrensa ALTERNATIVA

A imprensa alternativa é oriunda de momentos de exceção, como regimes totalitários, por isso nascem das camadas populares estratégias de combate ao poder, formas de se desvencilhar da opressão. Nesse contexto, percebemos o nascimento de uma imprensa alternativa que represente e seja a voz dos menos favorecidos e oprimidos. O movimento estudantil, os sindicatos e os jornalistas criam seus jornais na tentativa de fazer frente ao sistema. Nesse caso, o semanário O Pasquim merece destaque, pois era conhecido como jornal “do contra”. Tinha características da contracultura, era contra o conformismo, contra o caratismo e, sobretudo, contra a ditadura no Brasil. O semanário fluminense, nascido no bairro de Ipanema, O Pasquim utilizou uma linguagem impessoal e totalmente inovadora no jornalismo. Palavrões e corruptelas faziam parte dos textos publicados no jornal e entraram para a história, como “Bicha” de Tarso de Castro.

A partir daí, não somente as palavras, mas todos os temas tabus ou evitados da época, meados dos anos 70, foram abordados pelo semanário carioca. O uso do humor inteligente foi sua marca, porém aos poucos o jornal foi se tornando mais politizado e absorveu grandes intelectuais da era cinzenta da história brasileira. Denúncias, pontos de vista, proposição de ideias e simplesmente rir da própria desgraça foram características do jornal. Aos poucos, a temática se diversificou e abordou o uso de drogas, futebol, sexo, divórcio, feminismo, bossa nova e boêmia, cinema muitos outros assuntos recorrentes e desafiadores da década de 70.

À medida que a ditadura apertava o cerco contra a imprensa e aumentava a repressão com a implementação do Ato Institucional 5 (AI-5), o jornal crescia cada vez mais. Segundo escreveu Dirceu Fernandes Lopes no Jornal da USP, com tiragens iniciais consideradas exageradas, em torno de 20 mil exemplares, até um dos grandes casos de sucesso editorial brasileiro, com 200 mil exemplares vendidos. Mas, a ditadura não receberia esse sucesso tão bem assim. Os censores foram firmes contra O Pasquim e uma bomba só não estourou na redação por defeito.



O jornal, como vários outros contemporâneos, temos o exemplo do Pif Paf, sofria vários cortes antes de ser publicado e ainda assim era recolhido em algumas bancas. Os jornalistas em contrapartida encontraram no humor uma forma de fazer frente ao regime totalitário. As charges zombavam do governo como queria a população oprimida. Ziraldo, chargista do jornal, publicou uma charge do grito de independência de Dom Pedro, mas substituiu a frase que entrou para a história por: “Eu quero é mocotó!”. A charge só passou pela censora, pois esta ficou amiga de farra dos jornalistas e em uma dessas bebedeiras a charge passou despercebida. Porém, por conta dessa publicação toda a redação do jornal foi presa em 1970, uma atitude do governo na tentativa de acabar com o interesse público pelo jornal, mas durante o encarceramento do grupo o jornal foi mantido por Millôr Fernandes, escapou da prisão, com a contribuição de grandes intelectuais, tais como: Chico Buarque, Antônio Callado entre outros.

Depois de soltos, os jornalistas voltaram para a redação do semanário fluminense. No entanto, dessa vez, as bancas que vendiam O Pasquim passaram a sofrer atentados e bombas explodiam durante a madrugada. A ironia na história desse jornal é que o seu maior oponente também é também a sua razão de ser. Após, o fim do regime totalitário, o jornal perdeu força e foi aos poucos entrando em declínio até deixar de existir nos anos 90.

A CONVERGÊNCIA DO HUMOR COM JORNALISMO EM O PASQUIM

Atualmente, vivemos em uma sociedade em rede. Todos nós estamos de certa forma conectados uns com os outros, por meio das mídias tradicionais, tais como: a televisão, o jornal impresso e o rádio. Como também, por meio das novas mídias: a internet, as redes sociais, os blogs, chats, fóruns, aplicativos de celular entre outros. Recursos de edição de vídeos e imagens são facilmente comprados e fáceis de usar, como também é extremamente fácil a postagem dessas imagens e vídeos editados na internet. A partir daí, as possibilidades são imensas, como afirma Jenkins (2008):

Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de



comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Podemos encaixar o exemplo de convergência supracitado por Jenkins (2008), na passagem que afirma a existência de um cruzamento entre as mídias corporativa e alternativa. Neste caso, mídia corporativa o produto jornal impresso com a inclusão das charges como elementos da mídia alternativa. O jornal impresso passa a ser um suporte midiático que abriga a charge. Esta, originariamente dos quadrinhos como cartum, converge no jornal se tornando parte do produto jornalístico, ainda mais pelo fato de apresentar uma opinião política.

A convergência das charges no jornalismo mostra que o leitor não está interessado em arquétipos herméticos, nesse caso, mas sim disposto a ter uma experiência não convencional de jornalismo proporcionada pela introdução do humor. Mas, está introdução do humor é exatamente provocada em parte pela repressão imposta pela ditadura e em parte pela sensibilidade dos jornalistas de ouvirem as vozes das ruas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos durante nosso processo de pesquisa que linguisticamente os gêneros discursivos com característica do humor, tais como: o cartum, a charge, a tirinha e os quadrinhos ainda não estão muito bem definidos por vários aspectos históricos. Portanto, há uma ampla área de pesquisa a ser explorada por futuros pesquisadores interessados nesta temática. Como também há ainda muita oportunidade de estudar a convergência das novas mídias no jornalismo impresso e na TV. Sobretudo, com a utilização cada vez mais massiva de aplicativos de celular que convergem nas mídias tradicionais. Conforme apontou Dirceu Fernandes Lopes no Jornal da USP:

[...] a resistência sempre procurou denunciar e combater o arbítrio e a censura, o jornalista Ricardo Kotscho, em entrevista ao Jornal da ABI, de janeiro de 2008, lembra que, atualmente, existe liberdade de imprensa, ao contrário do que aconteceu em vários momentos da história do Brasil.

No entanto, não percebemos uma imprensa de fato plural e comprometida com a isenção editorial tão necessária ao fazer jornalístico. A imprensa alternativa surge nesses momentos de crise, como forma de defesa da sociedade.

REFERÊNCIAS

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6.023: **informação e documentação: referências: elaboração**. Rio de Janeiro, ago. 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6.024: **informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação**. Rio de Janeiro, maio. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6.027: **informação e documentação: sumário: apresentação**. Rio de Janeiro, maio 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6.028: **informação e documentação: resumo: apresentação**. Rio de Janeiro, nov. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6.028: **informação e documentação: resumo: apresentação**. Rio de Janeiro, nov. 2003.

BOZI, Alba. **Charges: o riso como contestação na imprensa**. Rio de Janeiro: 2006.

FERNANDES, Ananda; DOMINGOS, Charles. **Entre lágrimas e risadas: o ensino do período Médici através das charges d'o Pasquim**. Rio Grande do Sul: 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência com tradução de Susana Alexandria**. 1. ed. Califórnia: Aleph, 2008.

SIMÕES, Alex. **170 anos de caricatura no Brasil: personagens, temas e fatos**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao15/005.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Contra o arbítrio, pela liberdade**. Repressão durante o Estado Novo de Vargas e censura imposta pelo governo militar foram alguns dos grandes desafios da imprensa brasileira no século 20. São Paulo: Jornal da USP on-line, 2008. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp831/pag10.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2014.